



SEÇÃO: ENSAIOS E ARTIGOS

Expressões de violência em contexto de crise estrutural*Expressions of violence in the context of structural crisis***Rosana Mirales¹**orcid.org/0000-0002-6624-9787
mirales_ro@hotmail.com**Recebido:** 27 nov. 2023.**Aprovado:** 01 abril 2024.**Publicado:** 23 jul. 2024.

Resumo: O artigo demonstra que as respostas dadas aos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos potencializaram a rearticulação das forças em torno de posturas em defesa de políticas neoconservadoras e totalitárias, da extrema-direita radical e de seus representantes. A metodologia adotada para a reconstrução histórica norteou-se pela pesquisa em material veiculado pelos meios de comunicação naquele período. O ocorrido revelou, manifestou e desenvolveu potenciais de controle jurídico-político e militar sobre os indivíduos e as coletividades, recrudescendo a democracia. Isso significou a recuperação de ingredientes neofascistas, a prática de formular acusações e fazer insinuações sem ter provas, as fobias e aversões de variadas nuanças e, de modo geral, a propagação da violência, que se expressam na questão social e na atuação profissional. As respostas dadas ao ocorrido revelaram interesses da indústria de experimentos em armamentos com tecnologia intensiva, confirmando-se como uma forma de resistência capitalista.

Palavras-chave: ampliação; ataques; capital; conservadorismo; crise; terrorismo.

Abstract: The article demonstrates that the responses to the September 11, 2001, attacks in the United States intensified the re-articulation of forces around positions defending neoconservative and totalitarian policies, radical far-right ideologies, and their representatives. The methodology employed for historical reconstruction was guided by research on media materials from that period. The event revealed, manifested, and developed potential legal-political and military controls over individuals and communities, undermining democracy. This fact entailed the resurgence of neo-fascist elements, the practice of formulating accusations and insinuations without evidence, phobias, and aversions of various shades, and, overall, the propagation of violence, which manifests itself in the social question and professional conduct. The responses to the event revealed interest in the weapons experimentation industry with intensive technology, confirming itself as a form of capitalist resistance.

Keywords: expansion; attacks; capital; conservatism; crisis; terrorism

Introdução

A guerra que feriu o poder e a soberba dos Estados Unidos está muito além do terrorismo. É a guerra inventiva, algo que o poder militar não pratica e do qual não sabe como se defender (FREITAS, 2001, p. A18).

Em meio aos resultados expressos em práticas de caráter neofascistas, revigoram-se inquietações sobre a violência genérica que constitui a sociabilidade brasileira. Nos estudos realizados sobre a violência de gênero, uma das conclusões a que se chegou foi a relação do fenômeno com o patriarcado e, genericamente, com a violência social. Neste artigo, visa-se adensar elementos que favoreçam o entendimento sobre



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

os mecanismos de reprodução da violência, em sua forma de sustentação ao modo de produção, ou seja, aos processos de dominação-exploração entre as classes sociais, que demarcam a exploração do capital sobre o trabalho e dão vazão às desigualdades sociais, demonstradas de variadas formas, como a racial, de gênero, entre outras. Disso decorre outro aspecto conclusivo: todas elas decorrem de sustentações com trajetórias históricas que as constituem como estruturais.

Argumentando de outra forma, as justificativas que levaram a este artigo incorporam as buscas de compreensão sobre as formas que sedimentam as relações entre a violência social e a doméstica – confirmadas pelas mudanças conjunturais que assolam os países em práticas que recuperam valores supostamente superados pelo iluminismo e a modernidade – e levam a refletir sobre outras práticas violentas, como as terroristas, as quais são formas de expressões da questão social.

Tais conteúdos se tornam presentes na vida social, repercutindo no cotidiano dos indivíduos e famílias e, conseqüentemente, nas intervenções profissionais. Cabe compreender o movimento dialético que lhes dão sustentação e os seus fundamentos. Isso potencializa a dimensão técnico-operativa do serviço social, contribuindo, inclusive, com a proposição de políticas sociais.

O artigo objetiva demonstrar que as respostas dadas aos ataques terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 nas duas torres do *World Trade Center*, em Nova York, e em um dos ângulos do Pentágono, em Washington, Estados Unidos (EUA), estiveram no bojo e potencializaram a rearticulação das forças políticas neoconservadoras e totalitárias da extrema-direita radical e de seus representantes.

Para tanto, apresentam-se sistematizações de leituras realizadas em artigos de jornais e outros veículos de comunicação do período, que se configurou em um novo ciclo das *práticas terroristas*. Parte desse material se encontra em arquivos pessoais e outros foram buscados online. A seleção dos artigos dos jornais levou em consideração as posturas neles presentes, uma

vez que são expressões dos posicionamentos dos seus autores, do jornal ou revista e, ainda, de quem fala, pois, além dos autores das reportagens, muitas vezes, são citadas fontes diretas com base na oralidade.

Embora muito tenha sido escrito sobre o atentado de 2001 e sobre os demais ocorridos desde então, priorizou-se voltar ao material de comunicação impresso do período, a fim de se compreender aspectos da história contidos na situação e que hoje se encontram desdobrados, por estreita relação com a forma que os Estados reagiram diante do fato surpreendente e espetacular, simulador de cenas mostradas pela arte e ficção, que Massari (2016, p. 29) considerou "[...] a data de nascimento da espetacularização visual do terrorismo [...]".

No tempo presente, cabe perceber como as refrações dessas práticas passaram a fazer parte do cotidiano das relações sociais e como chegam aos serviços sociais, seja por meio de processos migratórios, seja por expressões da violência nas suas variadas dimensões, tornando-se objeto de intervenção profissional do(a) assistente social.

Alguns elementos para situar a questão

Na circunstância histórica e pela forma em que se apresentou, o ataque ocorrido em Nova Iorque foi considerado pelo país atingido, bem como por seus aliados – uma vez que praticado por indivíduos e grupos de outra nacionalidade – um desafio à guerra, uma vez reconhecida a intenção daquele que o pratica em atingir a população civil e o Estado, ou seja, as forças econômicas e políticas do país onde se deu o "ato de terror".

Ao rever o material informativo sobre 11 de setembro de 2001, pode-se verificar as dimensões adquiridas, bem como os mecanismos de aperfeiçoamento para o enfrentamento à crise mundial (MÉSZAROS, 2005) pelos países. O pressuposto é que as questões aparentes e cotidianas expressas nos jornais configuram de alguma forma a economia-política, uma vez que veiculam, ao mesmo tempo, aspectos gerais e específicos da totalidade social. Nesse contexto, tornam-se evidentes alguns fatores que carac-

terizam as formas possíveis de repercussões da crise do capital sobre a realidade dos países; ou seja, a guerra evidenciada pelo terrorismo demonstra as formas de enfrentamento de países do oriente sobre aqueles do ocidente, em aspectos da modernidade, que impôs, na própria dinâmica de desenvolvimento do capitalismo, à ocidentalização do mundo (IANNI, 1996, p. 75-92).

A realidade vivida com o ataque de 2001 em Nova Iorque e em Washington foi capaz de confirmar que nada se encontra estável, porém, apesar de surpreendente, são fatos históricos compreensíveis. Por isto, o ataque confirmou: "[...] abrem-se possibilidades insuspeitadas anteriormente para interpretações de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica, em escala nacional e mundial." (IANNI, 2004, p. 224). Em outras palavras, em um instante, o poder econômico e militar americano e mundial foram colocados em causa: "[...] o mundo assiste atônito e assustado, surpreendido e fascinado, o desabar de dois pilares do neoliberalismo e do ocidentalismo, isto é, do capitalismo [...]" (IANNI, 2004, p. 225).

Segundo o autor (2004), a situação vivida naquele dia foi capaz de conter em si aspectos que apontaram que estava em marcha a globalização do terrorismo; revelou a geopolítica em que se baseia a diplomacia norte-americana – o "eixo do bem" contra o "eixo do mal" – e as respostas com base na retaliação, ou seja, contrárias a negociação; e, ainda, deu maior evidência da presença e supremacia dos Estados Unidos no cenário mundial, com a colaboração ativa e passiva de elites governantes e classes dominantes de nações europeias e de outras partes do mundo.

Ianni (2004, p. 228, grifos do autor) formulou a hipótese de que globalização rima, simultaneamente, com integração, fragmentação e revolução e que o acontecimento pode ser visto simultaneamente como "ataque terrorista", "ato político" e "*ação revolucionária*"; uma vez que foi capaz de revelar, manifestar e desenvolver situações e potencialidades que já estavam em processo de controle jurídico-político, militar e policial sobre os indivíduos e coletividades,

repercutindo na eliminação de direitos democráticos, com evidentes traços de "direitização" e ingredientes nazifascistas, macarthismos, fascismos e xenofobia.

Na mesma perspectiva, Moniz Bandeira (2005, p. 506) compreende o surgimento e recrudescimento do terrorismo islâmico como um fenômeno internacional, gerado pela própria expansão econômica, política e militar dos Estados Unidos, que avassala outras regiões ("grande Satã"), sobretudo aquelas produtoras de gás e petróleo:

O terrorismo não é uma ideologia, sempre constituiu tática de guerra e/ou expressão de revolta, e os meios empregados evoluíram ao longo da história de acordo com o avanço da própria tecnologia militar. Quem desenvolveu as armas nucleares e biológicas não foram os terroristas, mas os cientistas das potências industriais, sobretudo dos Estados Unidos, o primeiro e único país a empregar a bomba atômica como instrumento de terror, ao bombardear as cidades no Japão, Hiroshima e Nagasaki, em 1945 (MONIZ BANDEIRA, 2005, p. 505).

Moniz Bandeira (2005) objetiva a informação sobre o neoconservadorismo (ou neocon) com forte presença na decisão de uma investida bélica não negociada em revanche à situação por parte dos Estados Unidos, fruto de influências de funcionários civis que trabalhavam no Pentágono, da extrema-direita radical, representantes de interesses das indústrias especializadas em armamentos com tecnologia intensiva de capital.

O texto desse autor, descritivo em detalhes sobre a situação vivida no período e a sua perspectiva, considera inerente aos fenômenos do terrorismo e do narcotráfico as mediações fundamentais que articulam o processo imperialista norte-americano, de onde não se desvinculam o conhecimento, a tecnologia e a indústria do poder econômico. Da mesma forma, Coggiola (2016, p. 44), ao analisar o desenvolvimento das composições dos grupos vinculados posteriormente ao "Estado Islâmico" e a guerra da Síria, afirma a relação com os EUA: "O demônio, depois, lhes fugiu do controle, como já acontecera com a Al-Qaeda."

Passados os anos, tal estratégia de guerra aperfeiçoou-se, passando ser mais frequente

nos países diretamente envolvidos na guerra estabelecida entre países do oriente e do ocidente. Foram inúmeros ataques, bombardeios, mortes, diversificados em suas formas, que envolveram seres humanos bombas, população civil e Estados.

Reconstrução histórica de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América

Busca-se, aqui, descrever historicamente, a partir dos documentos consultados, o que foi o ato de 11 de setembro de 2001 nos EUA, bem como a forma como foi se consolidando os posicionamentos em torno da questão.

O primeiro Caderno e o Caderno Especial da Folha de São Paulo, de 12 de setembro de 2001, situaram as tentativas inovadoras nos conflitos, demarcadas inicialmente pelas estratégias adotadas entre os confrontantes – a exemplo da Guerra do Vietnã –, agora, sob o marco da “prática terrorista”, com seres humanos munidos ou involucrados em explosivos: os homens-bomba, ou nas palavras de Safire (2001, p. 19): “Cada um dos pilotos assassinos foi doutrinado com imenso fanatismo, não só para encontrar o caminho do paraíso em um assassinato de imensas proporções, mas também para aceitar o suicídio [...]”; com dimensões fetichizadas, que embarçam os sujeitos, dada capacidade de recriarem situações vistas em cenas cinematográficas altamente dinâmicas, arriscadas e eficientes, capazes de gerar um “estado de alerta”, uma vez que foram realizadas sem declaração de guerra.

Essas práticas foram geradas e, ao mesmo tempo, geram reações adversas nas populações, muitas vezes facilitadoras da adoção das respostas conservadoras e fundamentalistas que são adotadas pelos Estados. Entrelaçam-se os numerosos argumentos que demonstram a cisão sociocultural entre oriente e ocidente, demarcado por uma corrida por armas, ataques e defesas, disputas imperialistas e nacionalistas em torno de formas de enfrentar as crises. Os meios de comunicação visual transmitem simultaneamente os acontecimentos, dando outro lugar às me-

dições temporais: pesquisas de sondagem são disponibilizadas on-line, gerando a possibilidade de respostas rápidas, para sustentarem decisões e ações reativas que o Estado adota, a fim de responder na mesma medida a truculência do fenômeno violento.

Demarcado pelo ocorrido em 05 de setembro de 1972, durante os jogos Olímpicos de Munique (Alemanha) (PRINCIPAIS, 2001, p. E21-E24), tais práticas são capazes de expressar o susto generalizado, a surpresa, o desafio já visto em âmbito fictício, vivido em realidade no dia 11 de setembro de 2001, pelo povo da prosperidade. Nessa ocasião, foi lembrada a tentativa anterior de ataques com carros-bomba na garagem subterrânea em uma das Torres do *World Trade Center* (em 26 de fevereiro de 1993) e feito comparativos com o ataque realizado em *Pearl Harbor* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001, p. A8), que justificou o ingresso daquele país na Segunda Guerra Mundial e resultou nas tragédias em Hiroshima e Nagasaki. A diferença entre uma e outra situação reside na nuvem de poeira, agora vivida e engolida pelos sobreviventes, sem os mesmos elementos nela contidos: “Pearl Harbor foi um ataque contra militares. O de ontem foi um atentado contra civis” (JR. BECTON, 2001 *apud* ROSSI, 2001, p. A7).

Na Folha de São Paulo, jornal tomado como referência para leitura, os pronunciamentos dos governos americano e brasileiro foram impressos na íntegra após os ataques ao *World Trade Center* e ao Pentágono e há o posicionamento de Israel por meio de uma reportagem. O pronunciamento do presidente dos Estados Unidos da América inicia com: “A liberdade foi atacada esta manhã por covardes sem face [...]” e conclui: “Nós mostraremos ao mundo que nós passaremos por esse teste.”. (BUSH, 2001 *apud* LEIA, 2001, p. A5). O presidente brasileiro da época enfatizou: “O Brasil é parte do sistema mundial e pode vir a ser, direta ou indiretamente, afetado por essas turbulências e pelas dificuldades que, eventualmente, venham surgir na área econômica [...]” (CARDOSO, 2001, p. A18).

A reportagem que traz o posicionamento de pessoas vinculadas ao Estado de Israel é a que

apresenta maior apropriação de conhecimento sobre o que está ocorrendo: "A guerra contra o terrorismo é uma guerra mundial: é o mundo livre contra todos aqueles que querem destruir a liberdade. A guerra contra o terror vai ser longa, mas não haverá lugar no mundo em que esses terroristas possam se esconder [...]" (SHARON, 2001 apud AISEN, 2001, p. A17). O fato de Israel ter vivido ataques anteriores o coloca à frente no posicionamento de membros do governo e de especialistas, prevendo mudanças, como as alterações constitucionais e formas de organização entre os países ocidentais, para enfrentar o terrorismo, sendo afirmado pelo ministro de defesa Binyamin Ben Eliezer que "[...] o terrorismo do islã é extremista [...]", constituindo-se na maior ameaça do mundo. Outra afirmação de funcionário de alto escalão é que "[...] o governo israelense avalia que os atentados foram preparados durante anos e que devem ter recebido todo tipo de ajuda possível [...]" (SHARON, 2001 apud AISEN, 2001, p. A17).

Por último, e não menos importante, temos o posicionamento de Binyamin Netanyahu (ex-premiê israelense): "[...] os países que apoiam o terror querem 'destruir a civilização'. 'Se não tomarmos providências, um dia ainda veremos um atentado maior do que este, com armas biológicas ou nucleares.'" (SHARON, 2001 apud AISEN, 2001, p. A17).

A economia mundial, antes do ocorrido em 11 de setembro, estava à beira de uma recessão generalizada. A economia americana cresceu muito pouco durante o ano – produção industrial caindo e desemprego subindo, bolsas de valores em queda, poupança pessoal negativa, déficit no setor privado – e o Japão se encontrava em recessão. Por isto, o Federal Reserve (FED) e o Banco Central Europeu, inclusive no Japão e no Reino Unido, argumentavam em favor das reduções das taxas de juros. Com o ocorrido em 11 de setembro, efeitos imediatos foram sentidos nas bolsas de valores e o preço do petróleo tendeu a subir (RICOS, 2001, p. 21; GRINBAUM, 2001, p. 21) – tendência presente desde a guerra do Golfo Pérsico.

O Caderno Especial de 13/09/01 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001b) anunciou que o presidente do Estados Unidos da América, George W. Bush, classificou como "atos de guerra" os ataques ocorridos em 11 de setembro, anunciando a "batalha do bem contra o mal". Mal, nesse caso, são os árabes muçulmanos, possíveis autores dos ataques, liderados por Osama Bin Laden – nascido na Arábia Saudita e refugiado no Afeganistão –, que foi acusado pelos Estados Unidos de ter sido autor de duplo atentado ocorrido em Embaixadas Americanas em 07/08/1998 na África – no Quênia (Nairóbi) e na Tanzânia (Dar-es-Salam). "Os EUA bombardearam o Afeganistão em 98 em retaliação aos ataques às embaixadas [...]" (ONU, 2001, p. 17). Nesse Caderno é evidente a postura americana de que foram cometidos "atos de guerra", e a busca pelo apoio dos países participantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no seu enfrentamento.

A perspectiva de construção de fortalecimento organizado dos países para o combate ao terrorismo e em favor dos EUA foram anunciadas nos títulos dos textos do jornal: "Rússia quer apresentar na ONU proposta de criação de agência para lutar contra 'rede terrorista internacional'; EUA querem ação coordenada [...]" (MORAES, 2001, p. 16); "Premiê Berlusconi diz ser 'inconcebível deixar EUA sozinhos!"; "UE (União Europeia) apoia EUA por meio da Otan, mas diverge sobre eventual ação militar" (SEIXAS, 2001, p. 17; STAROBINAS, 2001, p. 17). O Congresso Americano aprovou "US\$ 20 bilhões em fundos de emergência para lidar com as consequências dos ataques terroristas [...]" (CONGRESSO, 2001, p. 15).

Segundo a Folha de São Paulo (FSP) (2001b), há uma reação em bloco na economia e o banco central dos EUA (FED), o Banco Central Europeu e o japonês injetaram bilhões de dólares no sistema financeiro. Em sintonia, os presidentes dos bancos centrais do G7 – grupo dos sete países mais ricos – emitiram comunicado conjunto afirmando o combate à desestabilização da economia, sobretudo garantindo a disponibilidade de recursos no sistema financeiro. Sobre a capacidade de ações conjuntas em dificuldades

e a reação sintonizada entre as autoridades da economia mundial, exigidas nessa ocasião, há referências ao *crash* de 1987 e à Guerra do Golfo (1991), circunstância em que o preço do petróleo disparou. Internamente, o FED anunciou oferecer aos bancos créditos mais baratos, irrigando o sistema bancário e baixou a taxa de juros de curto prazo, abaixo da taxa normal. Os bancos, para evitar ter problemas de caixa, tenderam relutar em procurar usar os recursos. Os bancos centrais do Japão e da Suíça também injetaram recursos no sistema financeiro desses países (RICOS, 2001, p. 21).

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), uma espécie de clube dos ricos, segundo o jornal Folha de São Paulo (2001b), previu vários efeitos sobre a economia americana. Além dos impactos diretos como a queda dos negócios do turismo, viagens aéreas, transporte de cargas, taxas de seguros e o desempenho dos bancos que tinham escritório no *World Trade Center*, a maior preocupação foi com a possível alta do petróleo – que poderia gerar o crescimento da inflação – e com a queda na confiança dos consumidores, levando a um atraso na recuperação da economia americana. No mesmo sentido, foram os argumentos do responsável pelo acompanhamento dos EUA no Fundo Monetário Internacional (FMI) (RICOS, 2001, p. 21; GRINBAUM, 2001, p. 21). As medidas tomadas pelas autoridades financeiras foram com consciência de risco, porém também para minimizar as possibilidades desses riscos, garantindo o sucesso da economia capitalista (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001b, p. 23).

O presidente da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) analisou que a alta sentida nos preços do petróleo foi uma “[...] reação especulativa a uma situação de crise e incerteza. Acho que o preço cairá nos próximos dias [...]” (KHELIL, 2001 apud OPEP, 2001, p. 26). O ministro do Petróleo da Arábia Saudita disse que o país “[...] cobrirá qualquer escassez que possa haver, por qualquer motivo. [...] e se os EUA quiserem mais petróleo, estamos prontos para vendê-lo [...]” (AL-NAIMI, 2001 apud OPEP, 2001, p.

26). O México e a Venezuela também garantiram a continuidade da oferta do produto e o secretário de Energia dos EUA afirmou que o país gastaria reservas de petróleo se fosse necessário. Portanto, a suspeita de que o ataque foi realizado sob o comando de Osama Bin Laden acalmou o mercado de petróleo, sendo que, na Ásia, países como a China e o Japão não chegaram tomar qualquer medida, mesmo sendo dependentes do produto importando.

Apesar dessa predisposição para as ações, as previsões foram de que os impactos dos ataques não seriam duradouros sobre os negócios e as finanças internacionais e não haveria um abalo no sistema capitalista, que tem capacidade extraordinária de resistir aos ataques físicos, o que é favorecido pela informatização, uma vez que

O armazenamento de dados duplicados, seguros em outros locais, reunindo todas as informações corporativas essenciais, permite que uma empresa sobreviva a danos físicos a sua matriz: [...] Linhas de produção especializadas ou usinas de aço não podem ser facilmente substituídas quando destruídas. Mas a ferramenta do trabalhador do conhecimento, o computador pessoal, pode ser encontrada em qualquer lugar e imediatamente posta a trabalhar (FINANCIAL TIMES, 2001, p. 23).

Analistas indicaram que a ação militar norte-americana no Golfo Pérsico, no governo de Bill Clinton, demonstrou-se ineficiente e criou condições adversas para as reações, genericamente consideradas “do oriente contra o ocidente”. Isto é, nos anos de 1990, rearranjaram-se as correlações de forças da geopolítica. Destruídas as possibilidades históricas de expressão do conflito internacional posto pela guerra fria, que sustentava a articulação dos países socialistas e capitalistas em torno de questões como os direitos humanos, outras configurações emergiram e foram assumidas nas relações internacionais.

A análise sociológica de Wagner-Pacífico apontou que

Seria necessária uma abordagem inovadora e corajosa para resolver situações potencialmente perigosas como a que vivemos [...] O ideal seria reconhecer as divergências históricas, culturais e ideológicas buscando uma integração, não a simplificação forçada a que

começam a sucumbir [...] (WAGNER-PACIFICI, 2001 apud FARAH, 2001, p. 16).

Contudo, fundamentalmente, esse caderno do jornal deixa evidente que os suspeitos de conduzirem a ação em 11 de setembro em Nova Iorque tiveram aulas de voo no aeroporto de *Venice* na Flórida e, inclusive, ficaram hospedados na casa de um funcionário da escola, por terem chegado ao local sem as acomodações arranjadas: "Foi um favor que fiz para escola [...]", disse Charles Voss, 2001 apud SUSPEITOS, 2001, p. 6).

As pesquisas de sondagem de opinião pública (CONGRESSO, 2001, p. 15), pouco representativas da população do país, devido ao número de entrevistados, demonstraram a dúvida sobre a compreensão da situação e, mesmo assim, foram tomadas como referendo ao Estado americano para agir nas condições e na direção que adotava, entendendo que há uma luta "entre o bem e o mal"; que na sociedade americana há liberdade; e que ações militares devem continuar sendo tomadas contra os países daqueles identificados como suspeitos aos ataques ou que os ajudaram ou abrigaram.

Manifestações de xenofobia – "*kill arabis*" – foram escritas nas cinzas em local próximo aos prédios que desabaram no ataque de 11 de setembro.

Nos últimos dois dias, entidades islâmicas e comunidades árabes espalhadas por cidades norte-americanas receberam telefonemas e cartas ameaçadoras. Quatro homens no Estado do Colorado ameaçaram queimar uma mesquita. Em sites de bate-papo da internet, como o da American Online, norte-americanos usam apelidos para equiparar árabes e muçulmanos a 'assassinos' e 'porcos' (AITH; DÁVILA, 2001, p. 14).

Esses são alguns dos elementos que constituíram a complexidade envolvida no 11 de setembro de 2001. Como aspecto conclusivo, tem-se uma visível retomada de guerras entre organizações e países do ocidente contrapostos aos do oriente, um aparente contorno da crise econômica e, com isso, o reestabelecimento das condições para a produção na indústria bélica, agora em outras bases, com o uso atualizado das tecnologias.

Considerações Finais

Sobre o ocorrido em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, identifica-se, em Ianni (2004), que um ataque dessa natureza pode ser conotado como terrorista, ato político ou "*ação revolucionária*" e, em Moniz Bandeira (2005), como ideologia, tática de guerra ou expressão de revolta, que evolui com o avanço tecnológico militar. Ainda, para Ianni (2004), o ocorrido em 11 de setembro de 2001 foi capaz de revelar, manifestar e desenvolver potencialidades de controle jurídico-político, militar e político sobre os indivíduos e coletividades, eliminando direitos democráticos, isto é, respondendo com a direitização, com ingredientes nazifascistas, macarthismos e xenofobia.

Para Moniz Bandeira (2005), as respostas dadas por meio de políticas contraterrorismo se situaram em revanches neoconservadoras com a influência de funcionários civis do governo, da extrema-direita radical e de representantes de interesses da indústria de experimentos em armamentos com tecnologia intensiva do capital. O autor enfatiza que o terrorismo e o narcotráfico se constituem em mediações que articulam o processo do imperialismo americano, vinculando-se ao conhecimento, à tecnologia, à indústria e ao poder econômico. Dada a imprevisibilidade das situações, ou de seu caráter heurístico (IANNI, 2004), consultas rápidas são realizadas por meios digitais para referendarem as decisões dos Estados. Nesse aspecto, ocorre a camuflagem da subordinação dos indivíduos e das coletividades nos teores antidemocráticos presentes nessas decisões.

As reações neoconservadoras reconstróem os argumentos que se agregam na forma de pensar, consolidando a visão de mundo, que sustenta e legitima a sociabilidade burguesa, de onde não escapa a cultura e as formas de organização institucionais fundamentais como a família, a escola, a igreja etc. O conservadorismo agrega-se ao sincretismo acadêmico, a determinadas posturas filosóficas e religiosas, articulando-se às forças político-econômicas contrárias aos movimentos da história em favor dos processos

que contrapõem a dinâmica capitalista.

Nos anos de 1970, tornaram-se explícitas as alterações no trabalho que exigiram dos Estados um reposicionamento, em torno dos quais o Estado de Bem-estar (*Welfare State*) foi substituído pelo neoliberalismo que ganhou força, sob a continuidade da égide hegemônica do imperialismo americano. A reestruturação produtiva, movida pelas mudanças tecnológicas ocorridas, possibilitou a acumulação flexível, atualizando os processos de desvalorização do trabalho vivo em sua forma humana. A depreciação da vida adquire formato acentuado, revelado em sua máxima expressão, como nas substituições de carro-bomba, algumas vezes adotada em ataques, por homem-bomba e/ou mulher-bomba, e a revitalização da religiosidade conservadora e do patriarcado, que, às vezes, são capazes de alimentar as sombras do fascismo.

A dinâmica assumida pelos Estados nacionais em torno das buscas de construção dos blocos econômicos tornou-se ineficiente diante de uma organização truculenta e obstinada contraterrorista. No entrelaçamento de argumentos que demonstram a cisão sociocultural entre oriente e ocidente, ocorre a corrida por armas; ataques e defesas; e disputas imperialistas e nacionalistas em torno do enfrentamento à crise.

A hierarquia estabelecida entre os países é mantida e reproduzida, em meio aos mecanismos assumidos pelas forças políticas para o projeto que direciona o mundo e realimenta a subordinação do trabalho ao capital, não somente em sua dimensão local, mas global e universal, visto que pressupõem os apoios externos aos Estados nacionais. As guerras atuais realizadas no oriente médio envolvem os países do ocidente, por meio das buscas de expansão exterior, em que a transformação da mais valia se realiza sobre os países, inerente ao mesmo processo de ampliação e avanço da força contemporânea por uma produção destrutiva (MÉSZAROS, 2005).

O século vinte e um, em pouco mais de duas décadas, evidenciou que os processos de mundialização do capital renovam as relações sociais, reatualizando aspectos de dominação-explo-

ração que se traduzem em destruição do meio ambiente, migrações incessantes, atualização de preconceitos e formas de violência variados.

Como esses elementos são parte das relações sociais, eles se tornam importantes para se entender as demandas que chegam aos serviços sociais, desenvolvidos pelas políticas sociais, tornando-se objeto de intervenção profissional, em particular, do assistente social. A violência não é uma novidade no trabalho do assistente social, mas é relevante compreender como se manifestam as expressões da questão social nos diferentes contextos territoriais, nacionais e institucionais em que atua.

No Brasil, a regressividade cultural se apresenta nos aspectos político-econômicos, demarcando a continuidade histórica nas formas de violação dos direitos humanos, podendo ser observadas no contexto neoliberal nas políticas econômicas adotadas, na vigência de um processo acentuado de contrarreformas que levaram a perda dos direitos sociais, ou no cotidiano que compromete a cidadania, naquele significado expresso com a conquista realizada por forças políticas progressistas na Constituição Federal do 1988.

Referências

- AISEN, S. Guerra contra o terror é mundial, diz Sharon. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno A, p. A17, 12 set. 2001.
- AITH, M.; DÁVILA; S. Árabes e muçulmanos dizem que estão sendo ameaçados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno especial, p. 14. 13 set. 2001.
- CARDOSO, F. H. Pronunciamento. Leia o discurso do presidente sobre os ataques. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno A, p. A18, 12 set. 2001.
- CARRO-BOMBA atingiu torres do WTC em 93. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. E21, 12 set. 2001.
- COGGIOLA, O. O Estado Islâmico e seus assemelhados. *Margem Esquerda*. São Paulo, n. 26, p. 40-55. 2016.
- CONGRESSO unido aprova um fundo de US\$ 20 bi. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 15, 13 set. 2001.
- FARAH, P. D. Para analistas, maniqueísmo favorece violência. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 16, 13 set. 2001.

FINANCIAL TIMES. Ataques físicos não são capazes de minar o capitalismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 23, 13 set. 2001.

FREITAS, J. de. Zona de Guerra. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno A, p. A18, 12 set. 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Ataque a Pearl Harbor lançou os EUA na guerra*. São Paulo, Caderno A, p. A8, 12 set. 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, Caderno A, p. A1-A20; E21; A22; E23; A24-A31, 12 set. 2001a.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, Caderno Especial, p. 1-33, 13 set. 2001b.

GOMES, C. Guerra do Golfo. *Info Escola*, História, [S.l.], s.d. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/guerra-do-golfo/>. Acesso em: 25 ago. 2016.

GRINBAUM, R. Para OCDE e FMI economia vai esfriar ainda mais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 21, 13 set. 2001.

HOUAISS. Grande Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, Beta. *Macarthismo*. [s.l.] 2016. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra-macarthismo>. Acesso em: 29 abr. 2023.

IANNI, O. Terceira Parte. Terrorismo. p. 219-298. In: IANNI, O. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IANNI, O. A Ocidentalização do mundo. p. 75-92. In: IANNI, O. *Teorias da Globalização*, 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1996.

LEIA integra de declaração de Bush sobre os ataques. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno A, p. A5, 12 set. 2001.

MASSARI, R. O espetáculo do terrorismo de grandes proporções. *Margem Esquerda*, São Paulo, nº. 26, p. 27-33. 2016.

MÉSZAROS, I. Marx: nosso contemporâneo e seu conceito de globalização. *Civilização ou Barbárie*. Os desafios do mundo contemporâneo. p. 227-243. In: ENCONTRO INTERNACIONAL, set. 2004, Serpa, Portugal. Anais [...], Serpa: Impressão Digital Gráfica (IDG), 2005 (Comunicações, v. I).

MONIZ BANDEIRA, L. A. Capítulo XXVI: A questão do terrorismo internacional (...), p. 505-526. In: MONIZ BANDEIRA, L. *Formação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MORAES, M. S. Ação Mundial antiterrorismo é necessária. Rússia quer apresentar na ONU proposta de criação de agência para lutar contra 'rede terrorista internacional'; EUA querem ação coordenada. Aliados dos EUA e possíveis alvos de retaliação. Os principais grupos terroristas no mundo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 16, 13 set. 2001.

ONU retira funcionários do Afeganistão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 17, 13 set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1309200136.htm>. Acesso em: 29 abr. 2023.

OPEP garante mais petróleo para conter alta de preços. Após disparadas no dia do ataque, preço do barril deve voltar ao normal. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 26, 13 set. 2001.

PRINCIPAIS atentados terroristas no mundo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. E21, A22, E23, A24, 12 set. 2001.

RICOS lançam operação para tentar tranquilizar economia. Bancos centrais injetam bilhões de dólares no mercado para tentar combater a histeria e o temor de investidores. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 21, 13 set. 2001.

ROSSI, C. Estamos em guerra, mas não sabemos quem é o inimigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno A, p. A7, 12 set. 2001.

SAFIRE, W. O novo dia de infâmia. Texto publicado originalmente no Jornal The New York Times. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 19, 13 set. 2001.

SEIXAS, F. Itália propõe cúpula do G-8 para agir contra terrorismo. Premiê Berlusconi diz ser "inconcebível deixar EUA sozinhos". *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 17, 13 set. 2001.

STAROBINAS, M. EU apóia EUA por meio da Otan, mas diverge sobre eventual ação militar. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 17, 13 set. 2001.

SUSPEITOS de pilotar um dos aviões tiveram aulas de voo na Flórida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Especial, p. 6, 13 set. 2001.

Rosana Mirales

Graduada e doutora em Serviço Social, mestre em Ciências Sociais. Docente de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, aposentada.

Endereço para correspondência

ROSANA MIRALES

Avenida Tancredo Neves 5057, casa 494 - CEP 85867-633 - Foz do Iguaçu PR.

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística e submetidos para validação da autora antes da publicação.